

POESIA EM SALA DE AULA: UMA RIMA, UMA SOLUÇÃO

Valdenides Cabral de Araújo Dias¹

Resumo: O presente estudo tem por objetivo mostrar o papel da poesia em sala de aula, como estratégia para a promoção do letramento literário. Considerando que a linguagem da poesia perpassa outras formas do dizer poético, ressaltamos a dupla face, lúdica e estética, capaz de despertar o interesse dos alunos. Dentro do espaço escolar, cuja meta é ofertar ao aluno uma aprendizagem ampla, a partir do que proclama os PCN (BRASIL, 1998) em relação ao texto como unidade básica de sentido, ainda não encontramos essa interlocução com o literário e mais especificamente, com a poesia, de forma prazerosa e lúdica. O que pode, então, negativizar a recepção do leitor do texto literário? Onde a falta de interesse pela leitura é visível, levando-o a fazer parte de um quadro de leitores funcionais, inviabilizando o processo de compreensão leitora, a escola não pode, nem deve se furtar à tarefa de desenvolver projetos de leitura do texto literário em suas várias modalidades. A poesia, portanto, entra na sala de aula para aguçar a capacidade imaginativa e criativa do aluno, proporcionando-lhe vivenciar momentos de fabulação da vida e de humanização (CANDIDO, 1995). A leitura do poema nasce da necessidade de sentirmos o mundo real de uma forma mais prazerosa e lúdica. A estrutura poemática, composta de estrofes, versos, rimas, ritmo, melodia, entre outros, permite ao leitor compará-la à música, de onde o poema se originou. Assim, estudar o poema em sala de aula é a chave mágica por onde entrará a compreensão do mundo, a criticidade do mundo e o deleite do leitor. É a via por onde podemos iniciar o hábito da leitura. É o gênero textual por excelência ligado ao prazer do texto, à sua fruição, seja o poema erudito ou popular. É por onde o leitor vai experimentar a sensação de prazer, de emoção, que chamamos poesia. Para que isso aconteça em sala de aula, forma-se um quadrado perfeito: autor, texto, leitor e professor, imbuídos de um desejo de ser lido, sentido e compreendido. Para o letramento poético em sala de aula (DIAS, 2016), seguimos passos que começam pela ação reflexiva, orientada e participativa acerca da criação poética e de como se constitui o poema, para, em seguida, o aluno traduzir, dentro de si, a poesia e nela descobrir, no momento da leitura silenciosa e em voz alta o ser poético, tornando-se sensível a este ser.

Palavras-chave: Leitura; Poesia; Sala de aula.

A pluridimensionalidade do texto poético

Ao longo de minhas leituras sobre o gênero poético, venho prestando atenção nos seus elementos compositivos, em especial, a sua linguagem e no quanto de comunicabilidade (ou não) que ela carrega para além das formas, dos tempos ou movimentos literários. Penso, por outro lado, no poeta, enquanto instância criadora e no

¹ Professora Associada da UFRN. Pós-Doutora em Letras pela UFPE. Contato: valdenidesdias@hotmail.com.

leitor, enquanto instância receptora. O poeta, ser que dá vidas às palavras, num gesto demiúrgico, dizendo em linguagem única e plural o seu mundo e o de tantos outros; o leitor, que ao receber as palavras do poeta, o poema, transforma-o em poesia, deixando-se tocar pela linguagem simbólica que a conforma. Essa linguagem, revestida de letra, de imagens e de voz, que vem se desenhando na cenografia do texto pretendido pelo poeta/eu lírico enquanto sujeito da enunciação passa ao leitor e a ele cabe a tarefa de construir um novo desenho que reúna em si uma cadeia de sentidos construída entre signo e a imagem e se desdobre no ato da leitura compreensiva.

Se a linguagem é o termo mediador entre os gêneros literários, conforme assegura Teles (1995), as diferenças começam a surgir pelas nuances de sentido que se acentuam no gênero poético, uma vez que este foge da horizontalidade da prosa, ou seja, a poesia apresenta uma linguagem “metafórica e oblíqua, quando não inteiramente vertical, o que deforma de certa maneira a representação da realidade, que passa a ser compreendida num plano transcendentalmente superior”. (TELES, 1995, p. 87). Essa linguagem oblíqua conta, além da sensibilidade do poeta, com o seu manejo preciso da língua: a escolha lexical, a sonoridade, a sintaxe dos versos que compõem o poema e mais um conjunto de condições culturais, sociais e históricas a exigir do leitor um grau de compreensão maior. O fato é que o mesmo Teles determina três facetas do texto poético: a) aquele possuidor de “maior força imagética”, correndo o risco do hermetismo; b) o “prosaico”, sem muitas qualidades estéticas e escrito numa linguagem simplista e c) o “meio-termo”, que apresenta imagens, cuja qualidade não obscurece a compreensão. Ou seja, há um certo consenso quando o assunto é a linguagem utilizada pelos poetas, no sentido de determinar a qualidade do texto poético produzido. Todas as escolhas devem recair sobre uma linguagem que, em sua essência, possa distinguir-se de quaisquer outras. Nesse sentido,

A linguagem poética se distingue das demais por seu acentuado poder de síntese, pela infinita variedade de seus expedientes e pela capacidade que tem o poeta de falar nas entrelinhas. Podemos admitir que a poesia seja um jogo de subentendidos, linguagem cifrada, repleta de nuances e ambiguidades, constituindo, assim, um poderoso desafio à nossa sensibilidade e argúcia. (MOISÉS, 2012, p. 17)

O que Teles e Moisés dizem, acima, aplica-se muito bem ao poeta da poesia dita erudita. Mas, e ao poeta popular, aquele que trabalha com a voz e com o improvisado do

momento, que trabalha com outros níveis de linguagem? Embora tenham consciência da escrita padrão e até a usem, muitos preferem produzir/transmitir seus poemas através de registros locais e regionais, acrescentando assim mais uma variedade poética, quiçá, a primeira e mais significativa entre nós, posto que atingiu e atinge um maior número de ouvintes/leitores sem nunca se perder na travessia dos séculos. Se o leitor tem que observar no gênero poético, entre tantos aspectos, a sua verticalidade, nada mais vertical que a poesia popular em todas as suas formas. No cordel, por exemplo, essa verticalidade se faz notar ainda mais pelo fato de obedecer à normas exigidas pela ABLC², principalmente relativas à rima e métrica.

Essas explanações acima dão margem para aqui falar em pluridimensionalidade do texto poético: tomando como exemplo a poesia brasileira, que é pluridimensional desde o seu começo, seja ela erudita ou popular, tanto na forma quanto no conteúdo. O mais importante é perceber o quanto a sua linguagem comunica para poder desenvolver o gosto/hábito por sua leitura. Seja ele popular ou erudito, o poema, e a poesia que nele se encerra, está ali para que o leitor a descobre e para isso, precisa, de alguma forma, chamar a sua atenção, sensibilizá-lo. E, se o poeta, como define Moisés (2012, p. 36), é este ser que “não sabe ter sentimentos mornos, equilibrados, aposta sempre nas grandes paixões; ama os extremos e busca reuni-los numa síntese conciliadora”, o leitor de poesia é aquele que vai ser tomado por essas paixões ofertadas pelo poeta, para analisar essa paradoxal síntese do mundo, ou seja, é o responsável por redimensionar os múltiplos sentidos que se encontram incrustados na pele do texto, por outra, preencher os vazios, as lacunas os não ditos, expor o que se esconde nas entrelinhas, recifrar, pela leitura, a linguagem cifrada do poeta, escondida numa metáfora, delineada no ritmo do verso ou num enjambement proposital.

Considero o texto poético a porta de entrada para o prazer da leitura em sala de aula, pelo seu caráter lúdico, multissignificativo. O poema oferta ao aluno, leitor iniciante, elementos que o aproximam da música, pela melodia, pelo ritmo. Cabe ao professor, que se preocupa com os avanços de aprendizagem dos seus alunos, pode e deve elaborar projetos de leitura, cujo ponto de partida sejam poemas que despertem a

² ABLC – Academia brasileira de literatura de cordel, fundada em 1988, com o intuito de preservar e valorizar um patrimônio já existente, dar continuidade e consolidar essa vertente da poesia popular. Composta de 40 cadeiras, onde a cadeira 26 tem por patrono, o escritor potiguar, Luís da Câmara Cascudo, um dos maiores estudiosos cultura popular brasileira.

ludicidade e a fantasia, num primeiro momento, para em seguida ser direcionado à reflexão crítica sobre o lido, pois

A poesia é capaz de sensibilizar o ser humano, e nesse sentido evidencia-se a importância de trabalhar o gênero em fase escolar, para tanto deve ser levado em conta tanto a recepção quanto às contribuições da poesia para a promoção da leitura literária. (NUNES, 2016, p. 154)

Resta a aposta na disponibilidade do espaço escolar e no desejo do professor de oferecer aos seus alunos atividades contínuas com o gênero poético, a fim de que possa proporcionar a si e ao aluno o exercício do pensamento criativo e, conseqüentemente, uma formação cidadã sensível e humanizada.

Ensinar a ler a palavra poética: é possível?

Acima, sustento a priorização da leitura do texto poético em sala de aula, como forma de abertura para outras leituras literárias. É fato comprovado por estudiosos que esse tipo de leitura na escola é relegado a último plano em função das mais diversas atividades que exigem a atenção dos alunos. Sorrenti (2007) afirma que

Na sala de aula, o trabalho com a poesia geralmente ocupa um tempo restrito, porque há muitos assuntos a serem estudados. Mas é preciso aconselhar o aluno a não entregar a criação poética ao domínio da pressa, do sonho e da inconsciência. Faz-se necessário ressaltar sempre a importância do raciocínio e da atenção. (SORRENTI, 2007, p. 52)

Ou seja, a importância que se dá à leitura em sala de aula ainda é insipiente, embora já tenhamos alguns programas governamentais³ voltados para esse fim, cujas escolas e professores tem acesso. No entanto, a maioria dos professores sequer se preocupa em ler os documentos destinados à orientação de suas aulas e menos ainda ao aprofundamento dos assuntos que lhes compete saber e socializar.

Quando os PCNs (BRASIL, 1998, p. 19) de Língua Portuguesa tratam da relação entre o ensino e a natureza da linguagem, chama a atenção para, dentre as funções atribuídas à escola, está a “responsabilidade de contribuir para a garantia a todos os alunos o acesso aos saberes linguísticos necessários para o exercício da cidadania”. A

³ O Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), conforme se encontra detalhado no portal do MEC, é destinado a avaliar e a disponibilizar obras didáticas, pedagógicas e literárias, entre outros materiais de apoio à prática educativa, de forma sistemática, regular e gratuita, às escolas públicas de educação básica das redes federal, estaduais, municipais e distrital e também às instituições de educação infantil comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos e conveniadas com o Poder Público.

partir disso, estabelece um grau comparativo de igualdade em relação à responsabilidade perante o letramento (“tanto maior quanto menor for o grau”), cujo alcance satisfatório se dará conforme as práticas e os eventos por ela promovidos. Ressalta o texto como unidade de e a diversidade de gêneros e separa, de forma sintética, o texto literário em sua especificidade, mostrando sua diferença em relação a outros textos, em função de apresentar, tanto estética quanto linguisticamente, um modo diferente de apreensão do real, uma vez que “Ele os ultrapassa e transgride para constituir outra mediação de sentidos entre o sujeito e o mundo, entre a imagem e o objeto, mediação que autoriza a ficção e a reinterpretação do mundo atual e dos mundos possíveis”. (BRASIL, 1998, p. 26). Nesse sentido, deixa implícita a necessidade de um professor que esteja atento a essa especificidade e que não se furte à tarefa de explorá-lo em sala de aula.

A BNCC (2018) traça, com propriedade, o que deve ser explorado dentro do “campo artístico-literário”, fazendo crer que o leitor das séries finais do ensino fundamental já passou por uma iniciação anterior em relação à leitura do texto literário. Aqui, “está em jogo a continuidade da formação do leitor literário”. Agora, junto à função pedagógica atrela-se a estética, com a finalidade de “garantir a formação de um leitor-fruidor, ou seja, de um sujeito que seja capaz de se implicar na leitura dos textos, de “desvendar” suas múltiplas camadas de sentidos e de formar pactos com a leitura.” (BNCC, 2018, p. 136)

Além da preocupação com o caráter humanizador, de que tanto nos fala Candido (1995) que a literatura proporciona, o documento ainda requer do leitor, para a sua formação literária, que demonstre conhecimentos acerca dos gêneros narrativos e poéticos. Em relação a este último, alvo de meus estudos, é notada uma preocupação maior, dada a especificidade de sua linguagem, isto é,

No caso da poesia, destacam-se, inicialmente, os efeitos de sentido produzidos por recursos de diferentes naturezas, para depois se alcançar a dimensão imagética, constituída de processos metafóricos e metonímicos muito presentes na linguagem poética. (BCNN, 2018, p.136)

Isso posto, posso pensar no texto literário como uma construção transgressora e, especificando-se a linguagem poética, duplamente transgressora, uma vez que se diferencia também pela forma, capaz de possibilitar aprendizados múltiplos em sala de

aula. No entanto, é fato que no nosso sistema de ensino fundamental não temos um professor de literatura responsável por tratar, especificamente, do texto literário em sala de aula, ficando a cargo do professor de Língua Portuguesa, que já acumula as tarefas de lidar com os aspectos gramaticais e com todos os gêneros disponíveis no livro didático do aluno. As dificuldades por que passam aqueles que não gostam de literatura é visível, chegando a rechaçarem a leitura em sala de aula, apegando-se à exploração apenas de conteúdos gramaticais do livro do aluno e aos outros gêneros que não sejam literários. Vale salientar que há aqueles que se esforçam – os “bem-intencionados”, no dizer de Kirinus (2011, p. 104) – para desenvolverem um trabalho com o texto literário em sala de aula, mas se perdem, por falta de conhecimento da própria estrutura do texto, do seu valor semântico, além de utilizar procedimentos metodológicos que não condizem com a plurissignificação dos textos, causando insatisfação aos alunos e neles próprios.

Para sair das perguntas bobas que alguns professores fazem sobre o texto lido, como “qual parte mais gostou”, “quem é o personagem principal”, ou “que características apresentam tal personagem”, ele deve, primeiramente, ser um bom leitor, gostar de ler obras literárias. Cada vez que um professor pede ao seu aluno que faça a leitura de algum livro e pede que responda a esses questionamentos acima, mata o seu poder de compreensão para além do que se encontra na superfície do texto. Há uma poda no seu crescimento intelectual, no sentido de que lhe são passadas tarefas que prescindem do esforço da leitura crítico-reflexiva. O resultado que os professores alcançam trabalhando a leitura dessa forma, por obrigação e não por gosto, torna falha a sua aprendizagem e afasta o aluno da possibilidade de desenvolver o gosto e até o hábito de ler, uma vez que é explorada apenas em atividades com fins puramente linguístico/gramaticais e para uma avaliação quantitativa, onde todas as respostas possam ser iguais para facilitar a correção.

Se podemos inverter essa lógica existente nas escolas, encarando a leitura do texto literário como uma atividade partilhada, onde os alunos possam, de fato, trabalhar as suas competências crítico-reflexivas, responsáveis pela formação humanamente cidadã, não devemos esquecer do papel fundamental do professor enquanto mediador imediato. Assim, a preparação para a leitura do texto poético pode e deve partir do professor mediador, que deve ser um leitor, posto que só podemos falar bem sobre aquilo que nos

apaixona e encanta; e o professor só ensina a ler se estiver envolvido nessa atmosfera prazerosa provocada por sua própria atividade leitora. Uma vez que o professor esteja apto à leitura do poema, não por obrigação, mas por prazer, com emoção, em atitude de compreensão e envolvimento com o lido, o ensino do texto literário será possível e o seu estudo, idem. Desse modo, Villardi (1999) assegura que o processo do gosto pelo texto literário depende de como é visto pelo professor, pois só se repassa bem aquilo que gostamos de fazer. Do contrário, aluno e professor permanecerão na superficialidade do texto, deixando de apreciar os seus múltiplos significados e de relacioná-los com seu universo real. E,

Ensinar a gostar de ler é exatamente isso: é ensinar a se emocionar com os sentidos e com a razão (porque, para gostar apenas com os sentidos, não há necessidade da interferência da escola); e, para isso, é preciso ensinar a enxergar o que não está evidente, a achar as pistas e a retirar do texto os sentidos que se escondem por detrás daquilo que se diz. (VILLARDI, 1999, p. 37)

Dentro do espaço escolar a tarefa de mediar a leitura requer do professor um esforço singular no sentido conseguir um bom relacionamento com seus alunos. Petit (2013, p. 149), ao falar sobre as relações entre os jovens e a leitura sob uma nova perspectiva, trata do papel do mediador como aquele que, diante de seus leitores, “pode autorizar, legitimar um desejo inseguro de ler ou aprender, ou até mesmo revelar esse desejo”. Significa dizer, com ela, a real importância que tem, para os alunos, o mediador, no sentido de ser o responsável por despertar neles atitudes valiosas a partir da leitura. Por essa razão, ele precisa, “para transmitir esse amor pela leitura, e acima de tudo pela leitura de obras literárias, é necessário que se tenha experimentado esse amor” (PETIT, 2013, p. 161).

Uma rima, uma solução

Micheletti (2000) referindo-se ao modo inoperante de como o texto poético é tratada em sala de aula, tanto pelo livro didático quanto pelo professor, afirma que

a poesia, como quaisquer outros textos, pode ocupar esse espaço, mas não só o texto poético oferece ao leitor possibilidades para pensar a língua e sua carga expressiva. Ou seja, todo bom texto traz para o leitor uma carga de informação e, ao mesmo tempo, o conduz a uma reflexão mais ampla que envolve desde questões existenciais até o posicionamento do sujeito-leitor no seu grupo social. (MICHELETTI, 2000, p. 23)

Volto aqui a insistir, a partir da citação acima, na necessidade de o professor ter um amplo domínio sobre os conteúdos a que se propõe ensinar, considerando que o livro didático é apenas um guia para suas atividades diárias, não o dispensando de seu planejamento, nem de suas leituras complementares. Se a aprendizagem da leitura e da escrita é um processo, o ensino também o é. E a cada dia exige mais do professor, que precisa saber, sobretudo, que no trato com o poético as palavras transcendem a norma padrão da língua, que exigem dele uma competência interpretativa. E é justo essa carga expressiva que deve ser bem compreendida, sob pena de matar o texto poético e, conseqüentemente, matar em seu aluno o prazer inicial da leitura. Não basta apenas ele saber a que classe gramatical pertence a palavra “noturnam”, no poema de Manoel de Barros (2001), mas as relações de sentido que esta estabelece com as demais e, na instância reflexiva, com a vida dos próprios alunos.

É interessante pensar que Micheletti já vem chamando a atenção para a necessidade de uma melhoria na qualidade do ensino da leitura há quase duas décadas, sem contar aqui a grande contribuição anterior, de Paulo Freire (1981), valorizando a importância do ato de ler e de adentrar no texto para além da memorização mecânica, de criar “uma disciplina intelectual, sem a qual inviabilizamos a nossa prática enquanto professores e estudantes”.(FREIRE, 2001, p. 11). Falta, pois, ao professor, desenvolver essa disciplina intelectual e atentar para as suas próprias necessidades enquanto leitor que prepara leitor, ou seja, pensar o texto literário, no caso, o poema como portador de várias camadas linguísticas – a sonora, a morfossintática, a semântica – além dos aspectos visuais, que juntos dão a segurança necessária para ensinar a ler e ao leitor a condição de uma leitura proficiente. Voltando à Micheletti, ela ressalta que nem todas as camadas do texto precisam ser analisadas com a mesma intensidade, mas dá à camada semântica uma relevância para a construção de sentido da unidade textual. (MICHELETTI, 2000, p. 30). Tudo isso se ratifica no pensamento de Citelli (2003), quando fala, com propriedade, de sua experiência prática com o ensino. Para ela, tal prática

Tem demonstrado a importância dos atos de ler e escrever para a formação integral dos discentes. As experiências desenvolvidas, especialmente com a produção e recepção do texto literário revelam que, ao vivenciarem modalidades discursivas polissêmicas, dotadas de signos menos referenciais, os alunos tendem a soltar a imaginação, descobrindo novas

faces e possibilidades expressivas da palavra. (CITELLI, 2003, p. 12)

As referências tomadas desde o início sobre a pluridimensionalidade do texto poético e sobre a pergunta que sempre me fiz, ao longo de meus 35 anos ensinando a usar a língua em todas as suas potencialidades a partir da leitura literária, particularmente, do texto poético, faz-me afirmar: sim, é possível ensinar a ler a palavra poética. Basta que o professor se disponha a aprender a “língua do nhem”, com Cecília Meireles, a desejar ter um porquinho-da-índia, igual ao de Bandeira, a visitar a casa muito engraçada, de Vinícius de Moraes e a descobrir, com Drummond, que a sua própria história é mais bonita que a de Robinson Crusóe.

Ler poesia, tanto para o professor quanto para o aluno, significa desdobrar a síntese do mundo dada pelo eu lírico. É atravessar a caverna platônica e ir de encontro à luminescência das palavras, ou seja, conforme Dias (2017), a leitura poética

requer que o leitor ultrapasse a materialidade de seus elementos estruturais e adentre em seu universo simbólico. Requer, portanto, uma percepção não somente dos seus explícitos – palavras, rimas, ritmo, melodia, verso, estrofe – mas dos implícitos produzidos pelas escolhas estilísticas de seus autores. Escolhas estas que tecerão o enredo poemático, pontuando-o de vazios (em maior ou menor grau) a serem preenchidos pelo leitor proficiente.⁴

Por essa razão, afirmo que o leitor de poesia, quando bem orientado estará apto à leitura de quaisquer gênero literário, pois atinge a compreensão máxima da palavra encapsulada pelo poeta em metáforas, metonímias, paradoxos e toda a sorte de imagens que possam o seu poder criador imaginar. A grande diferença entre o leitor do texto poético e o leitor dos demais gêneros reside no modo de compreensão: o leitor do romance, por exemplo, pode ser qualquer pessoa que tenha aprendido a ler e a compreender uma narrativa que apresenta enredo, personagens, etc.; já o de poesia é tão somente aquele que, diante de um eu lírico, é tocado por seus interditos, suas nuances metafóricas, seus espaços vazios e dela extrai elementos que compõem o seu universo emocional e existencial.

O leitor de poesia deve ser formado desde a infância, enquanto seu universo ainda se encontra povoado de fantasia, da magia poética advinda dos contos de fadas e das histórias que elas ouvem, como assegura Petit (2013, p.82). Se a poesia se faz do

⁴ Disponível. Acesso em <http://2017.selimel.com.br/anais-do-evento/?gt=GT11>. Acesso em 14/05/2018.

espanto, a leitura se faz do duplo espanto: o provocado pelo poeta e o que floresce dentro do leitor, numa profusão de sentidos que plenifica a compreensão do mundo e de si. A poesia oferece ao leitor a oportunidade de se ultrapassar, ultrapassando as barreiras linguísticas do significante/significado para construir, em outro estágio da linguagem, um sentido rizomático para o signo: ele é, a um só tempo, significante e significado, som, ritmo, rima, melodia, emoção, ludicidade, jogo de palavras a produzir imagens convertidas em compreensão no ato da leitura proficiente.

Longe da solução para a leitura de poesia está na rima, uma vez que esta pode, ou não, ser encontrada na estrutura poemática, podemos pensá-la como metáfora da compreensão leitora, da penetração no mundo do sensível, pelo leitor. Poesia rima com encantamento. Se queremos que nossos alunos/leitores se encantem pela leitura literária, se queremos que eles penetrem ab/surdamente nesse reino, a solução encontra-se em nos tornarmos também leitores.

Referências

BRASIL. Parâmetros curriculares nacionais (PCNs). Língua Portuguesa. Ensino fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Segunda versão revista. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2016. Disponível em <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/bncc-20dez-site.pdf>. Acesso em 20/08/2018.

CADIDO, Antonio. “O direito à literatura”. In: **Vários Escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CITELLI, Beatriz. **Produção e leitura de textos no ensino fundamental: poema, narrativa, argumentação**. São Paulo: Cortez, 2003.

DIAS, V. C. A. **Letramento literário: o prazer humanizado**. In: Ata do V SIELP - Simpósio Internacional de Ensino de Língua Portuguesa // V FIAL - Fórum Ibero-Americano de Literacias. Edição CIEd /Universidade do Minho/Portugal, 2016. ISBN: 978-989-8525-49-9 [Suporte Eletrónico].

_____. **O poeta e seu ofício de dizer o indizível em tempos pós-modernos.** In: CHAGAS, S. N. *Nas fronteiras da linguagem: língua, literatura e cultura*. Salvador: Edufba, 2017.

_____. **O texto poético em sala de aula: esse bem incompreendido.** In: Ata do X Seminário Nacional sobre Ensino de Língua Materna e estrangeira e de Literatura. Universidade Federal de Campina Grande/ Campina Grande, 2017. ISSN 2357-9765 [Suporte Eletrônico].

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** São Paulo: Cortez, 1989. (Coleção polêmicas do nosso tempo; 4).

GEBARA, A. E. L. **A poesia na escola: leitura e análise de poesia para crianças.** São Paulo: Cortez, 2012.

KIRINUS, G. **Synthomas de poesia na infância.** São Paulo: Paulinas, 2011.

MICHELETTI, Guaraciaba. **Leitura e construção do real: o lugar da poesia e da ficção.** São Paulo: Cortez, 2000.

MOISÉS, C. F. **Poesia não é difícil.** São Paulo: Biruta, 2012.

NUNES, Ginete C. **Poesia e letramento literário no Ensino Fundamental.** Id on Line Revista de Psicologia, Fevereiro de 2016, vol.10, n.29. p. 152-159. ISSN 1981-1179.

PETIT, M. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva.** Tradução de Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2013.

SORRENTI, Neusa. **A poesia vai à escola: reflexões, comentários e dicas de atividades.** Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

TELES, G. M. **A crítica e o princípio do prazer.** Goiânia: UFG, 1995.

VILLARDI, R. **Ensinando a gostar de ler e formando leitores para a vida inteira.** Rio de Janeiro: Qualitymark/Dunya Ed., 2005.